

Credores mandam os seus fiscais

ARNOLFO CARVALHO
Da Editoria de Economia

O governo brasileiro recebeu ontem a confirmação de que na próxima quinta-feira estarão em Brasília, para avaliar a necessidade do adiantamento para fechamento das contas externas deste ano, três economistas vinculados ao Comitê de Assessoramento formado pelos bancos credores: Douglas Smeé, do Banco de Montreal, virá chefiando uma missão integrada também por James Nash, do Morgan Guaranty Trust e Hans Grimm, da União de Bancos Suíços. Smeé é o coordenador do Subcomitê de Economia dos bancos credores.

O objetivo da missão - que poderá até se encontrar com o grupo de economistas do Fundo Monetário Internacional (FMI) que está no País desde o início da semana - é checar no Departamento Econômico (Depec) do Banco Central as contas externas, principalmente a situação do caixa formado nos últimos meses com a centralização dos pagamentos, de forma a avaliar o montante de recursos externos que o Brasil precisará receber dos bancos estrangeiros por volta do próximo dia 20, como adiantamento para quitar os atrasos.

As estimativas preliminares

apresentadas aos bancos, reunidos no Comitê de Assessoramento presidido por William Rhodes (vice-presidente do Citibank), davam conta de que o Brasil precisaria pelo menos de US\$ 3 bilhões, ainda este mês, que seriam liberados como um adiantamento do novo empréstimo-jumbo de US\$ 6,5 bilhões solicitado. Este esquema tem o patrocínio do FMI, mas os banqueiros preferiram enviar seus próprios economistas para colher os dados diretamente com os órgãos governamentais em Brasília.

Até o momento, de acordo com técnicos do Ministério da Fazenda, não houve nenhuma alteração nesta projeção preliminar, mas isto pode acontecer em decorrência de um superávit na balança comercial ligeiramente acima dos US\$ 6,3 bilhões previstos há alguns meses. Os bancos credores recebem as estatísticas do FMI, mas o Comitê de Assessoramento prefere confiar nos dados checados in loco por seus economistas. Eles aproveitarão para levantar a situação geral da economia brasileira neste final de ano, bem como as perspectivas para 1984, não só na área externa como também a nível de inflação, redução do déficit público e política monetária.